

Calualane Cosme Vasconcelos

Faculdade Ari de Sá, FAS, Brasil



calualane@gmail.com

Eva Mirella Sarmento Siqueira

Centro Universitário Católica de Quixadá,
UNICATÓLICA, Brasil



mirellasarmento123@gmail.com

Dr. Francisco José Mendes Vasconcelos

Centro Universitário Católica de Quixadá,
UNICATÓLICA, Brasil



prof.vasco@unicatolicaquixada.edu.br

**CIDADES AMIGAS DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE OBJETIVA DOS
REQUISITOS DO GUIA GLOBAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA
SAÚDE (OMS) SOB PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL**

RESUMO

Trata-se este artigo de uma breve análise objetiva de os pressupostos exigidos para uma cidade receber o "selo Cidade Amiga dos Idosos", nos termos prescritos no Guia Global da Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão específico da Organização das Nações Unidas (ONU). Este trabalho científico é fruto de pesquisa do PIBIC/CNPQ do Centro Universitário Católica de Quixadá. A OMS, preocupada com o aumento etário das pessoas idosas em todo o mundo, preparou um guia para que as cidades de todo o globo se capacitem para receber tais pessoas com qualidade e limitações específicas. Estas cidades do início da década de 20 do século XXI estão preparadas para essas exigências? A metodologia utilizada para a coleta de dados foi fundamentada nas pesquisas bibliográficas, documentais e via banco de dados secundários (IPEA-DATA e IBGE). Conforme dados apurados, no início da década de 50 deste século, o número de idosos (acima de 60 anos) irá superar o de jovens (até 18 anos), sugerindo que as cidades estejam preparadas para suportar as necessidades sociais (lato sensu) e fisiológicas desta população anciana, ávida pela vida.

Palavras-chave: Idoso. Cidades amigas dos idosos. Desenvolvimento sustentável.

**ELDERLY-FRIENDLY CITIES: AN OBJECTIVE ANALYSIS OF THE
REQUIREMENTS OF THE WORLD HEALTH ORGANIZATION'S (OMS)
GLOBAL GUIDE FROM A SUSTAINABLE DEVELOPMENT PERSPECTIVE**

ABSTRACT

This article is a brief objective analysis of the requirements for a city to receive the "Age-Friendly City label", as prescribed in the Global Guide of the World Health Organization (WHO), a specific agency of the United Nations (UN). This scientific paper is the result of research by PIBIC/CNPQ at the Catholic University Center of Quixadá. The WHO, concerned about the increase in the number of elderly people around the world, has prepared a guide for cities all over the world to help them accommodate these people with quality and specific limitations. Are these cities of the early twenties of the 21st century prepared for these demands? The methodology used for data collection was based on bibliographical and documentary research and on secondary databases (IPEA-DATA and IBGE). According to the data collected, at the beginning of the 1950s, the number of elderly people (over 60) will exceed the younger population (up to the age of 18), suggesting that cities should be prepared to support the social (lato sensu) and physiological needs of this elderly population, which is eager to live.

Keywords: Elderly. Elderly-friendly cities. Sustainable development.

Submetido em: 22/04/2024

Aceito em: 30/04/2024

Publicado em: 06/05/2024

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que a população mundial está envelhecendo. Esta realidade vem sendo possível devido a melhorias e avanços científicos na área da saúde, bem como na redução das taxas de mortalidade e fecundidade (Oliveira *et al.*, 2016). Grandes Organizações já preveem um cenário jamais visto anteriormente na sociedade. A incidência de uma população idosa superior demograficamente à classe de adultos é não só uma realidade iminente, bem como, requer providências imediatas.

Assim, surge o Guia Global dos Idosos, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde, que visa manter a qualidade de vida dos idosos, levando em conta o aumento significativo dessa população, o que, por sua vez, traz a necessidade de diversas adaptações. Desse modo, surge o seguinte questionamento: “Quais são os requisitos estabelecidos pelo Guia Global da Cidade Amiga do Idoso e como as práticas podem influenciar positivamente na qualidade de vida e no bem-estar dessa população?”

A partir disso, este trabalho busca, genericamente, analisar o Guia Global da Cidade Amiga do Idoso, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Já, especificamente, tem como objetivo comparar o desenvolvimento sustentável com o guia e analisar os principais pré-requisitos delineados por este manual para que uma cidade se alinhe aos princípios e ideais fundamentais do conceito Amigo dos Idosos.

No que tange à metodologia, qualitativamente, esta pesquisa descritiva – tendo em vista que tem como objetivo descrever as principais características emitidas pelo Guia Global em questão – é bibliográfica, uma vez que foram utilizados livros e artigos como fontes, e documental, levando em conta que este trabalho baseia-se no Guia Global da Cidade Amiga do Idoso, o que, por sua vez, proporcionou uma compreensão e contextualização das diretrizes fundamentais do estudo.

2 A SUSTENTABILIDADE E O GUIA GLOBAL DA CIDADE AMIGA DO IDOSO

A sustentabilidade vai além de cuidados ambientais, abordando também a qualidade da vida humana:

[...] desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforça o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações futuras [...] é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades. (CMMAD, 1988, p. 46).

Tendo em vista o aumento do número de idosos, deve-se levar em consideração o Relatório Brundtland Commission – citado anteriormente e elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – que atravessa as dimensões do conceito de desenvolvimento sustentável, requer-se uma análise dos mecanismos utilizados atualmente para criar um padrão sustentável englobando abordagens ambientais, sociais e econômicas, com o intuito de atender as necessidades específicas das pessoas idosas (Nobre, 1999 *apud* Monteiro; Zazzetta; Araújo Júnior, 2015).

No que tange à dimensão ambiental, foca-se na preservação e conservação do meio ambiente e como isso afeta na qualidade de vida dos seres humanos, tratando da atmosfera,

água doce, oceanos, biodiversidade entre outros. Já, a dimensão social visa atender as necessidades humanas específicas e analisam temas como saúde, educação, renda e trabalho. Tais investigações mostram resultados – a exemplo, equidade, distribuição de renda e níveis de escolaridade – com o intuito de revelar e de mitigar as desigualdades. Por fim, existe a dimensão econômica que diz respeito do uso moderado de recursos naturais, abordando gestão de resíduos, consumo de energia etc. (IBGE, 2015).

Partindo deste ponto de vista, é nítida a influência que o ambiente possui na rotina desses indivíduos. Tendo em vista que a maior parte da população vive em meios urbanos, no Brasil, 84,35% da população reside nestas áreas (Jordão; Silva, 2014) resta evidente a necessidade de adaptações que visem transformar as cidades para atender essa população.

Tais mudanças devem abranger o bem-estar, a segurança e envolvimento social auxiliando na efetivação do que conhecemos como envelhecimento ativo, que se refere a um processo que: ressalta a independência, visando a valorização do idoso por seu próprio potencial físico, social e mental; garante que ele prolongue a sua participação na sociedade; prevê que a sociedade respeite as suas necessidades, capacidades e desejos, enquanto lhes garante segurança, proteção e cuidados adequados (OMS, 2005).

Diante deste cenário, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU) frisam a importância do desenvolvimento de políticas públicas, com diretrizes semelhantes ao desenvolvimento sustentável, para que as cidades sejam capazes de comportar as demandas que já são exigidas pela população idosa. Nesse contexto, surge o conceito de Cidades Amigas dos Idosos que, previamente, viriam a ser meios urbanos voltados para as demandas que englobam essa parcela da comunidade.

Para tanto, as cidades precisam adotar um processo de diagnóstico, planejamento, implantação e monitoração de ações voltadas para tornar as cidades mais amigáveis aos idosos, entendendo que uma cidade amiga do idoso, é, conseqüentemente, uma cidade amigável a todos (OMS, 2009). Todas essas delimitações serão norteadas pelos requisitos advindos do envelhecimento ativo, ou seja, os dois conceitos estão vinculados.

Visando reunir os principais requisitos para a classificação desses meios urbanos como, de fato, amigos dos idosos a Organização Mundial de Saúde desenvolveu um documento apontando todas as melhorias e adaptações necessárias para as cidades recebam essa nomeação, trata-se do Guia Global da Cidade Amiga do Idoso. Ele fornece diretrizes para classificar uma cidade ou região como amiga do idoso ou não e o que pode ser melhorado dentro de oito tópicos principais: espaços abertos e prédios; transporte; moradia; participação social; respeito e inclusão social; participação cívica e emprego; comunicação e informação e apoio comunitário e serviços de saúde (OMS, 2008).

3 QUAIS REQUISITOS UMA CIDADE DEVE CUMPRIR PARA SER AMIGA DO IDOSO?

O Guia Global da Cidade Amiga do Idoso traz um pouco dos resultados adquiridos com as entrevistas em grupos focais realizadas nas primeiras 33 cidades que aplicaram o protocolo de Vancouver. Dentre as informações fornecidas constam alguns trechos das entrevistas e interpretações dos resultados:

A lista de verificação de características amigas dos idosos não é um sistema de classificação e comparação de cidades; é, pelo contrário, uma ferramenta que permite às cidades procederem à sua auto-avaliação e registarem os progressos efectuados. Todas as cidades têm a possibilidade de efectuar algumas melhorias

significativas com base na lista de verificação. É possível ir além da lista de verificação, havendo na realidade algumas cidades que já têm características para além das indicadas como fundamentais. Estas boas práticas proporcionam ideias que outras cidades podem adaptar e adoptar. Contudo, nenhuma cidade preenche todos os requisitos em todas as áreas. (OMS, 2009, p. 11).

A ideia fundamenta por trás do conceito de “Cidade Amiga do Idoso” é que uma cidade acolhedora dos idosos não apenas beneficia os indivíduos mais velhos, mas também todos, especialmente os grupos mais vulneráveis, baseando-se na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03) que visam promover o envelhecimento ativo e saudável.

Para as delimitações das premissas lançadas pelo Guia Global, a Organização Mundial de Saúde desenvolveu uma pesquisa com os perfis ligados diretamente ao cenário aqui abordado. Cuidadores, prestadores de serviços aos idosos e, principalmente, os idosos foram ouvidos e indagados sobre as reais necessidades e dificuldades sociais que são vivenciadas cotidianamente. Ao todo, foram 33 (trinta e três) cidades em 05 (cinco) continentes diferentes que vieram a ser as fontes principais de informação acerca da realidade. Foram feitas as seguintes perguntas aos idosos: Quais são as características amigas dos idosos da cidade em que vivem? Com que problemas se deparam? O que falta à cidade para que possa ser melhorada a sua saúde, participação e segurança? (OMS, 2009).

Ainda segundo a OMS (2009), uma cidade que, de fato, mostra-se amiga dos idosos deve estimular e oferecer condições e estruturas necessárias para o envelhecimento ativo, nas áreas de saúde, participação social, segurança, de forma que evidencie a qualidade de vida das pessoas gradualmente à medida que estas envelhecem.

Todas essas características são abrangidas pelo Guia já mencionado, que separou, em tópicos, as vertentes impostas: espaços abertos e prédios, transporte, moradia, participação social, respeito e inclusão social, participação cívica e emprego, comunicação e informação e apoio comunitário e serviços de saúde (OMS, 2008).

Em relação aos espaços abertos, eles devem possuir um ambiente limpo e agradável, uma vez que a diminuição de resíduos e de poluentes atmosféricos é vital não apenas para a saúde como também para a saúde mental física da pessoa idosa. Ademais, as ruas devem ser bem conservadas, amplas, iluminadas, sinalizadas – padronizada e visível –, além de que os fluxos de trânsito precisam ser regulados e as regras de trânsito cumpridas; são necessários, também, espaços verdes, lugares para descansar, calçadas amigáveis aos idosos – largura adequada e presença de rampas, a exemplo –, cruzamentos seguros para pedestres, acessibilidade, ambiente seguro, calçadas e ciclovias, o que promove a atividade física, mobilidade e a interação social (OMS, 2008).

Quanto aos prédios, devem ter elevadores, escadas rolantes, rampas, portas e corredores amplos, escadarias adequadas – com corrimões, degraus não muito altos e nem muito inclinada –, piso antiderrapante, áreas de estar com sofás, poltronas ou cadeiras confortáveis, sinalização adequada, banheiros adequados (OMS, 2008). Tendo em vista que diversos idosos possuem limitações no que diz respeito a locomoção e/ou mobilidade, tais mecanismos fazem com que a população em questão tenha autonomia e independência.

[...] edifícios e ruas sem obstáculos aumentam a mobilidade e a independência de pessoas com incapacidades. Uma vizinhança segura permite que crianças, mulheres e idosos se sintam confiantes para sair à rua e participar em atividades sociais e de lazer. As famílias são menos afetadas pelo estresse quando os seus membros mais

velhos têm o apoio comunitário e os serviços de saúde de que necessitam. Toda a comunidade se beneficia da participação de pessoas mais velhas em trabalho voluntário ou remunerado. Por último, a economia local lucra com a clientela constituída pelos consumidores adultos mais velhos. (OMS, 2009, p. 10).

Além disso, outro fator que deve ser considerado é o transporte, uma vez que um transporte acessível dá liberdade de ir e vir. Logo, os transportes públicos devem ser disponíveis, de baixo custo, confiáveis, ter boas conexões e destinos-chave – como hospitais, parques, shoppings, bancos etc. –, estrutura adequada – com degraus baixos, assentos amplos, bem-sinalizados, bem mantidos entre outros –, prioridade para sentar, motoristas gentis e que sigam as regras de trânsito, seguros e confortáveis. Já, os táxis necessitam ser baratos ou com descontos para idosos, confortáveis, acessíveis – a exemplo com espaço para levar cadeira de rodas e/ou andadores – e com motoristas prestativos, também. Em consonância com isso, cabe destacar que o estacionamento precisa ter vagas específicas para idosos próximas à entrada dos locais, proporcionando facilidade à entrada e à saída (OMS, 2008).

Prosseguindo, há de se falar em moradia, que deve ter um custo acessível – o que, por sua vez, torna o lugar uma opção sustentável ao longo dos anos, já que não se pode prejudicar a independência financeira das pessoas idosas –, construída com materiais apropriados – reduzindo a necessidade manutenção constante, tendo em vista que tal população já não possui tanta resistência e paciência para suportar física e mentalmente reformas frequentes –, com espaço suficiente para se locomover com facilidade, equipada para atender as demandas climáticas – como ar-condicionado ou aquecedor, promovendo um clima habitável em todas as estações do ano –, com piso nivelado para minimizar quedas, corredores e portas largas e com cômodos especialmente adaptados, especialmente para aqueles que tem necessidade de usar andadores ou cadeiras de roda (OMS, 2008).

Ademais, é ideal que fique perto do comércio e de serviços essenciais, como hospitais e farmácias, facilitando a aquisição de recursos vitais para o seu bem-estar (OMS, 2008).

Outro fato muito importante é a participação social, a qual deve ser estimulada, por meio de atividades e de eventos diversificados – que atendam os interesses de todas as idades – que devem ter a localização e o horário convenientes para os idosos, com possibilidade de participar com um amigo ou cuidador. Em consonância com isso, o isolamento deve ser combatido também de forma que sejam enviados convites, telefonemas e visitas pessoais e que não exijam qualquer formação ou conhecimento (OMS, 2008).

O respeito e a inclusão social, incluindo serviços respeitosos, representações públicas positivas do envelhecimento, conscientização social através da disseminação de aprendizado sobre o assunto e reconhecimento, e a participação cívica e emprego, englobando vagas de voluntariados idosos, oportunidades flexíveis de emprego, conselhos consultivos e diretorias de organização que incluam os idosos e estímulo para que os idosos sejam empresários, são componentes essenciais para a construção de uma sociedade mais equitativa, acolhedora e que integra plenamente todas as faixas etárias (OMS, 2008), além de que está diretamente relacionado ao tópico discutido anteriormente:

A inclusão social é um tema bastante amplo e complexo. Está relacionado às questões previdenciárias e ao status social ocupado por nossa população. Vale ressaltar que vivemos em uma sociedade onde os direitos sociais são vistos como um favor, uma tutela, um benefício, e não um privilégio para construir uma vida social digna e de qualidade. Mesmo que previsto em lei, nem sempre as orientações

dadas pelos encarregados da tutela dos direitos são direcionadas à sua validade. O caminho para a inclusão social corre paralelamente às discussões sobre direito e proteção social (Gomes, 2010). A proteção social é entendida como um conjunto de ações que visam prevenir riscos, reduzir os danos que podem ser causados à vida das pessoas e, conseqüentemente, à vida da sociedade. A exclusão social ocorre quando um grupo ou parte da sociedade é de alguma forma excluído de seus direitos, ou negado o acesso por falta de informação, estar fora do mercado de trabalho, etc. Portanto, inclusão significa fazer parte, sentir-se pertencente, ser compreendido em sua vida e condição humana. Sentir um sentimento de pertencimento como pessoa, única e coletiva (Araújo, 2018). (Scherer *et al.*, 2023, p. 7).

Corroborando com isso, é imperioso destacar a comunicação e a informação que deve ser realizada por meio de um sistema universal de informações, as quais são distribuídas de forma regular, acessível e confiável. E, por fim, a OMS (2009) ressalta a importância do apoio comunitário e serviços de saúde, ou seja, a cidade deve possuir uma infraestrutura de serviços sociais e de saúde bem distribuídas e acessíveis, além de exigir que o atendimento seja eficiente e respeitoso e que as emergências sejam adaptadas para as necessidades específicas das pessoas idosas (OMS, 2008).

Outros pontos críticos abrangem a segurança financeira que, de acordo com Alley *et al.* (2007), é concluído que uma cidade amiga do idoso é aquela em que "os idosos estão ativamente envolvidos, valorizados e apoiados com infraestrutura e serviços que efetivamente atendem às suas necessidades." Esses aspectos ressaltam a importância de garantir que os idosos tenham suporte financeiro e social, juntamente com acesso a serviços adequados para promover um envelhecimento saudável e gratificante.

Embora se tenha essa visão de que os meios urbanos são o combustível do sucesso econômico e, até mesmo cultural de uma nação, esses locais são, na maioria das vezes, delineados gerando desvantagem para aqueles que não fazem mais parte do mercado de trabalho, principalmente, aos que possuem baixo nível socioeconômico. Sem dúvidas, chegar até essa análise de identificação das demandas de diferentes níveis econômicos e até mesmo, das gerações será uma das grandes dificuldades para a propagação das cidades amigas dos idosos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento da população é uma realidade global que demanda ações imediatas para garantir uma qualidade de vida adequada aos atuais e futuros idosos, o que está diretamente ligado ao desenvolvimento sustentável, tornando-se um pilar essencial para enfrentar tal desafio, uma vez que visa harmonizar a exploração de recursos, investimentos, desenvolvimento tecnológico e mudanças institucionais para atender às necessidades das presentes populações específicas sem comprometer as gerações futuras.

O conceito de Cidades Amigas do Idoso surge como resposta a essas demandas, buscando adaptar os meios urbanos para atender às especificidades dessa parcela da população. E, o Guia Global apresenta diretrizes para avaliação e melhoria das cidades em oito áreas principais, sendo elas: espaços abertos e prédios, transporte, moradia, participação social, respeito e inclusão social, participação cívica e emprego, comunicação e informação e apoio comunitário e serviços de saúde, refletindo a abrangência necessária para promover o envelhecimento ativo.

Levando em conta que a inclusão social é um componente vital e é destacada no Guia, evidencia-se à necessidade de construir uma sociedade que valorize e respeite todas as faixas etárias, já que manual tem como objetivo ser utilizado por indivíduos e grupos interessados em tornar as suas cidades mais acolhedoras para os idosos, abrangendo entidades governamentais, organizações de voluntariado, o setor privado e grupos de cidadãos.

Logo, pode-se deduzir que o Guia trata de um auxílio direto para a implantação de alguns dos pontos levantados pela OMS. Uma vez que a sociedade é moldada em padrões diferentes dos que urgem na atualidade, é evidente que essa implantação deve ser tratada como urgente e necessária, no entanto, sabe-se que a implementação efetiva de cidades amigas do idoso enfrenta desafios, especialmente ao lidar com diferentes níveis socioeconômicos e gerações. A necessidade de superar barreiras econômicas e culturais é destacada como um ponto crítico para o sucesso dessas iniciativas.

Portanto, ter em mente que o processo será gradual é o primeiro passo para tornarmos a atual comunidade em uma parcela de pessoas que priorizam um futuro que se aproxima rapidamente e que requer mudanças.

O mesmo princípio aplicado na elaboração do manual deve ser mantido durante a sua utilização, garantindo o envolvimento pleno e significativo dos idosos em todas as etapas do processo. Ao avaliar os pontos positivos e as lacunas da cidade, os idosos fornecerão insights valiosos sobre como as características mencionadas na lista de verificação se relacionam com suas próprias vivências. Eles oferecerão sugestões para melhorias e poderão participar ativamente na implementação de projetos de aprimoramento. Este envolvimento direto dos idosos é crucial para garantir que suas necessidades e experiências sejam consideradas de forma integral na busca por cidades mais amigas dos idosos.

Conclui-se, então, que o Guia Global da Cidade Amiga do Idoso representa uma prática para enfrentar os desafios do envelhecimento populacional, alinhando-se aos princípios do desenvolvimento sustentável. Promover cidades amigas do idoso não apenas beneficia essa população específica, mas contribui para uma sociedade mais inclusiva, equitativa e sustentável como um todo.

REFERÊNCIAS

ALLEY, D. E. *et al.* Creating elderfriendly communities: Preparation for an aging society. **Journal of Gerontological Social Work**, 2007, v. 49, ns. 1-2, p. 1-18, 2007.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores de desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=294254>. Acesso em: 8 jan. 2024.

JORDÃO, H. M.; SILVA, M. R. C. e. Intervenções urbanas e suas precariedades. **Estudos Vida e Saúde**, Goiânia, v. 41, n. especial, p. 81-92, 2014.

MONTEIRO, L. C. A.; ZAZZETTA, M. S.; ARAÚJO JÚNIOR, M. E. de. Sustentabilidade: relação entre espaço urbano e envelhecimento ativo. **Revista Novos Estudos Jurídicos**, v. 20, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, J. H. S. *et al.* Envelhecer com qualidade? Reflexo de ações extensionistas em instituições asilares. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 141-152, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: OPAS, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Guia Global das Cidades Amigas do Idoso**. Traduzido do inglês. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Guia Global**: cidade amiga do idoso. Genebra: OMS, 2008.

SCHERER, K. M. M. *et al.* Envelhecimento populacional e os objetivos de desenvolvimento sustentável. **Salão do Conhecimento**, v. 9, n. 9, p. 1-14, 2023.